

UMA REVISÃO NARRATIVA SOBRE OS EFEITOS DO BULLYING NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

(A NARRATIVE REVIEW ON THE EFFECTS OF BULLYING ON PSYCHOSOCIAL
DEVELOPMENT)

Camila Holanda Evangelista Gomes ¹
Isabela Cristina Moreira de Oliveira ²
Laura Tarcília Portela de Aguiar ³
Maria Vanessa Nunes Pedrosa ⁴
Nara de Oliveira Correia ⁵
Jéssica Layanne de Sousa Lima ⁶

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno violento de comum ocorrência nas escolas, o que traz malefícios para aqueles que sofrem essas experiências. Partindo disso, o presente artigo visa compreender a vivência do *bullying*, debruçando-se sobre os diversos efeitos em suas vítimas. Para tal fim, uma revisão bibliográfica foi realizada, perpassando por artigos que dissertam sobre a temática do *bullying*. Os resultados obtidos abordam prejuízos na aprendizagem, interferências na autoestima, possíveis transtornos mentais causados pelo *bullying*, risco de suicídio, dificuldades nas relações interpessoais e possíveis más condutas futuras. Nesse sentido, as informações evidenciam impactos nocivos a curto e longo prazo. Conclui-se que a falta de compreensão dos efeitos psicossociais do *bullying* acabam por promover a banalização do fenômeno.

Palavras-chave: Bullying. Efeitos. Psicossociais.

ABSTRACT

Bullying is a violent phenomenon that commonly occurs in schools, which brings harm to those who suffer these experiences. Based on this, this article aims to understand the experience of bullying, focusing on the different effects on its victims. To this end, a bibliographic review

¹Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: camilaholanda95@gmail.com

²Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: cristinaisabela89@gmail.com

³Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário – Unidade Harmony. E-mail: lauratacilia2018@gmail.com

⁴Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: marynessanunes@gmail.com

⁵Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: naracorrolil@gmail.com

⁶Mestre em Ciências Médicas. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Harmony. E-mail: jessica.lima@uniateneu.edu.br

was carried out, going through articles that talk about the topic of bullying. The results obtained address learning impairments, interference with self-esteem, possible mental disorders caused by bullying, risk of suicide, difficulties in interpersonal relationships and possible future misconduct. In this sense, the information shows harmful impacts in the short and long term. It is concluded that the lack of understanding of the impacts of bullying end up promoting the trivialization of the phenomenon.

Keywords: Bullying. Effects. Psychosocial.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, uma nova forma de violência escolar vem ganhando espaço nos noticiários de jornais e revistas e causando preocupações aos pais, aos educadores e à sociedade em geral. Esse tipo de violência, conhecido como *bullying*, não é um acontecimento novo dentro das escolas, ele apenas tomou forma e ganhou nome específico a partir dos anos 80, quando o estudioso norueguês Olweus (1993) definiu o fenômeno como atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorrem entre estudantes no contexto escolar.

O comportamento de bullying escolar tem efeitos nocivos naqueles que estão envolvidos nesse fenômeno, sobretudo nas vítimas. Além de repercussões físicas, o bullying escolar gera sequelas psíquicas, podendo estar associado ao risco de suicídio (MENEGOTTO, PASINI e LEVANDOWSKI, 2013). Estes autores apontam estudos que evidenciam que a violência e o bullying escolar requerem uma reflexão sobre as transformações sociais e sobre como as relações estão sendo constituídas. Nesse sentido, afirmam que a violência e o bullying escolar são vistos como uma extensão da problemática social e implicam em políticas de prevenção, uma vez que esse fenômeno tem sido considerado um grave problema de saúde pública.

Apesar de o *bullying* ocorrer no contexto das instituições escolares, ele não é só um problema da escola, mas de toda a sociedade, visto ser um fenômeno que gera problemas a longo prazo, causando graves danos ao psiquismo e interferindo negativamente no desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional dos envolvidos (FANTE, 2008).

O espaço escolar é o lugar para onde convergem os diversos fenômenos psicológicos, complexos e dinâmicos do desenvolvimento humano, produzidos em diferentes contextos socioculturais (CARVALHO, 2012). A escola formal é o ambiente em que a criança e o adolescente vivenciam a continuidade da ação socializadora iniciada pela família. Além da

aprendizagem, segundo Neto (2007), ocorrem às trocas, formação de opiniões e competências sociais que produzem forte impacto no desenvolvimento da criança e do adolescente. Dentre os aspectos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência destacam-se a autoestima e o comportamento de bullying (BANDEIRA e HUTZ, 2010), devido à sua influência no desenvolvimento emocional e social no contexto escolar.

Partindo disso, o estudo acerca dessa prática recorrente no meio escolar se faz importante para a reflexão de como a violência manifestada pelo bullying pode afetar o convívio de crianças até a fase adulta, sendo necessária a implementação de práticas conscientizadoras sobre a problemática no contexto acadêmico e social. Dessa forma, o presente artigo possibilita ser mais um arcabouço teórico para envolver familiares e profissionais, agentes relevantes para transformar as atuais condições frente à ocorrência do bullying.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Caracterização do fenômeno *bullying*

A palavra *bullying* deriva do inglês *bully* que apresenta duas definições: como substantivo, o termo significa agressor, e como verbo, significa intimidar; e o seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo (HUMPEL; BENTO; MADABA, 2019). De acordo com o Portal Educação (2020), o professor e pesquisador norueguês *Dan Olweus* foi o primeiro a relacionar a palavra *bullying* ao fenômeno. Em 1982, três crianças se suicidaram no norte da Noruega, tendo idades entre 10 e 14 anos, sendo as constantes agressões sofridas por elas na escola o motivo para tal ação.

O tema chegou ao Brasil no fim dos anos 90 e início de 2000, e as pesquisas realizadas englobam apenas a realidade dos locais onde eram realizadas. Porém, na década de 80, já se realizavam estudos sobre a depredação de prédios escolares e aos poucos os estudos atingiram as relações interpessoais agressivas (FREIRE; AIRES, 2012).

Segundo Quintanilha (2011), a palavra *bullying* caracteriza-se como um agrupamento de condutas agressivas, repetitivas e intencionais sem motivo aparente, praticadas por um ou mais alunos contra outro, ocasionando angústia, dor ou sofrimento. Para Neto (2005), o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação

evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outros, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. A Lei Federal 13.185/2015, conforme citado no Artigo 1º, define o fenômeno *bullying*:

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

O *bullying* possui modos de manifestação, sendo elas: a forma indireta (que ocorre em forma de agressão verbal) e a forma direta (que constitui em agressões físicas e psicológicas, sendo resultado de manifestações diretas e indiretas, gerando o sofrimento das vítimas). Os resultados são devastadores para as vítimas, levando ao isolamento, à depressão e, em casos mais extremos, à prática do suicídio (SILVA, 2018).

O *bullying* também pode ser descrito em três situações: *bullying* físico, *bullying* social, *bullying* verbal e relacional. Normalmente, os papéis se dividem entre agressor, vítima e testemunha. O agressor do *bullying* é aquela criança que agride outra supostamente mais fraca com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter ocorrido provocação por parte da vítima (BERGER, 2007).

Já as testemunhas, são aquelas crianças e adolescentes que não se envolvem diretamente em *bullying*, mas participam como espectadores; e grande parte dessas testemunhas sente empatia ao presenciarem os colegas sendo hostilizados (BERGER, 2007, *apud* BANDEIRA, 2012). Para Albuquerque (2013), a exposição contínua ao *bullying* durante a infância pode acarretar diversos problemas às vítimas na fase adulta, portanto, é importante que a escola sempre esteja atenta a qualquer sinal dessa violência.

2.2 O *bullying* no contexto escolar

O *bullying* escolar pode ser descrito como um fenômeno social, que possui características específicas e deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (FREIRE; AIRES, 2012). Já, Chalita (2008), disserta que o fenômeno *bullying* não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino

fundamental ou médio, área rural ou urbana. A prática está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.

A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e o tipo mais perceptivo da violência juvenil (NETO, 2005). Conforme Rosa (2010), a violência nas escolas é um fenômeno real que já faz parte dos problemas sociopolíticos do país, sendo o *bullying* uma de suas principais manifestações.

A escola é vista como um centro de formação intelectual, de desenvolvimento e aprendizagem, um espaço constituído por segurança e proteção. Entretanto, atualmente, situações de violência e desrespeito nas instituições ganham cada vez mais destaque nas mídias e pesquisas. Como dito por Debarbieux (2001), o enfoque da mídia no assunto contribuiu para que os acontecimentos tivessem mais visibilidade. As agressões nem sempre são físicas, casos de violência psicológica são bem mais comuns e menosprezados, pois constantemente são julgados como brincadeira.

O índice de violência nas escolas é alarmante. De acordo com Souza (2019), 81% dos estudantes e 90% dos professores souberam de casos de violência em suas escolas estaduais no último ano. Ocorrências mais frequentes de violência nas escolas estaduais envolveram *bullying*, agressão verbal, agressão física e vandalismo. Ademais, um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde mostrou que 69,2% dos estudantes não sofreram bullying; 25,4% raramente sofrem e 5,4% sofreram sempre bullying (TORKANIA, 2017).

2.3 A prevenção no combate ao *bullying*

A busca pela prevenção ao *bullying* tem crescido significativamente, e para encontrar essa solução é preciso haver uma parceria contínua entre a escola e os pais. Além disso, faz-se necessário que a escola não permaneça alheia ou indiferente ao tema, nem vulgarize os fatos, atenuando sua gravidade como se fosse apenas mais uma brincadeira do período infantil e, nesse caso, é importante que se trabalhe no contexto escolar temas como *bullying*, agressividade e violência, dando oportunidades aos alunos de discutir o assunto. Prevenir situações de *bullying* no ambiente escolar é a melhor forma de proteger as vítimas de problemas associados ao trauma no futuro (OLIVEIRA, 2018).

É preciso investigar os fatores que estão levando os estudantes a agirem de forma agressiva, interpretando o fenômeno da violência escolar de modo a compreender os problemas interpessoais e macrosociais, partindo da análise das relações existentes entre os diversos ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos (CHIORLIN, 2007).

Apesar de todo debate disposto no trabalho, o significado do fenômeno *bullying* e suas consequências ainda não são conhecidos por todos na sociedade. Teoriza-se que haja ainda pouca divulgação ou mesmo medidas generalizáveis para o enfrentamento do comportamento. Cada caso carrega consigo sua originalidade. Talvez porque a socialização acontece com características midiáticas e sensacionalistas, superando as pedagógicas (GUIDA, 2011).

Por fim, Mendonça (2018) afirma que impactos graves ocorrem em decorrência do *bullying* e, por isso, deve ser uma temática importante para a sociedade, a fim de ajudar as vítimas e evitar situações irreversíveis. O cenário violento nas escolas reflete um problema social, visto que os jovens são os cidadãos do futuro.

3 METODOLOGIA

O método utilizado para desenvolver o presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica, ou seja, a investigação em material teórico sobre o assunto em questão, considerando que:

O processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto. É a metodologia que explicita as opções teóricas fundamentais, expõe as implicações do caminho escolhido para compreender determinada realidade e o homem em relação com ela (MINAYO, 1994, p. 22).

Desta maneira, conforme Minayo (1994), a pesquisa precede o reconhecimento do problema ou do questionamento que funcionará como delimitador do tema de estudo. No que tange às ciências sociais, é fundamental a análise baseada nos preceitos da pesquisa bibliográfica, sendo extremamente relevante seu uso de forma particular na educação.

O estudo realizado foi do tipo revisão narrativa da literatura, as buscas ocorreram por meio de banco de dados como SciELO, LILACS, PubMed, dentre outros. Entre os anos de 2012 e 2022. Utilizou-se os descritores: “efeitos”, “*bullying*” e “psicossociais”, por exemplo. Foram encontrados 320 artigos, em média, e apenas 40 selecionados para a análise e discussão. Os artigos descartados tratavam acerca de problemáticas distintas ao interesse do objeto de

estudo como, por exemplo, bullying e crianças com Transtorno do Espectro Autista, ou, as palavras psicossociais e efeitos buscaram artigos com temas diversos e fora da linha de estudo. Os artigos selecionados visam o aprofundamento e discussão sobre as diversas formas em que o bullying atinge o indivíduo nos âmbitos psíquico e social.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Prejuízos na aprendizagem

Gonçalves (2016) afirma que as consequências do *bullying* são diversas, tanto físicas como psicológicas, e que uma dessas consequências se relaciona com a queda no rendimento escolar, devido ao medo de frequentar a escola, o que acaba sendo uma forte característica do *bullying*.

Ramos e Barboza (2012), ao descrever alguns sinais de risco que são frequentes envolvendo as vítimas de *bullying*, apontam como um dos sinais o nível escolar decrescente, ou seja, baixo rendimento escolar, além de sintomas como isolamento, ansiedade, entre outros comportamentos e sintomas típicos das vítimas: “A vítima por sua vez, nos preocupa pelo fato de ter totalmente comprometido seu aprendizado e suas funções psicológicas. Não obstante, sua capacidade de socializar-se e seu desenvolvimento cognitivo muitas vezes podem deteriorar-se.” (RAMOS; BARBOZA, 2012, p. 75).

Mascarenhas e Paulino (2018) apontam a importância de uma rede de apoio que vai além da escola para solucionar esses problemas; deve existir uma relação de parceria entre a escola e os familiares em que as propostas de intervenções devem ser pensadas de maneira que englobem todos os envolvidos, não se restringindo apenas à escola. Para Guarezi e Sene (2018, p. 11), “Trabalhar assuntos que estão cada dia mais presentes no cotidiano escolar, é de extrema necessidade e poderá ajudar muitas crianças e adolescentes que se encontram em situações de angústia e desespero”.

4.2 Interferências na autoestima

Um dos efeitos mais frequentemente citados nos artigos revisados foram os abalos na autoestima, uma vez que experiências de *bullying* afetam diretamente na autopercepção dos

próprios indivíduos. Com isso, é importante esclarecer que várias pesquisas apontam a autoestima como uma avaliação importante de bem-estar e do valor singular que cada pessoa faz de si (BRITO; OLIVEIRA, 2013). Conforme Schultheisz e Aprile (2015, p. 38),

O indivíduo se autoavalia de acordo com os sentimentos e pensamentos introjetados durante o processo de formação de sua identidade. Essa avaliação vinda de fora enfatiza as diferenças entre os indivíduos e as rotula de boas ou más, adequadas ou inadequadas, desenvolvendo processos de rejeição ou de aceitação. O indivíduo pode apresentar comportamentos agressivos e de defesa ou afastar-se do meio por sentir-se posto de lado na medida em que não percebe nada de bom e produtivo que venha de si.

De acordo com Barbosa *et al.* (2016), a partir das experiências de *bullying*, as vítimas vivenciam sua autoestima abalada e, por meio da escuta de xingamentos e apelidos maldosos, podem passar por crises de identidades. Nesse sentido, a crise surge como consequência da baixa autoestima e, com isso, estes sujeitos sentem-se pressionados a respeito de quem eles realmente são e/ou seu papel na sociedade. Além disso, sentimentos de tristeza e impotência podem estar atrelados às vivências violentas. Nesse ínterim, o autor continua sua dissertação ao apontar a estética como um fator importante na autoestima e também tema comum nas vivências de *bullying*:

Em acordo como citado acima, o bullying implica mais na questão física, xingamentos em relação ao seu corpo, como por exemplo, se uma determinada menina for gorda já é chamada de “gordinha”, “baleia” e outros determinados apelidos. Já os meninos podem ser afetados em relação a sua sexualidade, seu modo de se vestir, seu físico também é afetado e sua pele, caso tenha o aparecimento de espinhas. Sua sexualidade em relação a ser chamado de “gay” pelo modo de agir ou se vestir, seu físico por ser magro demais, gordo demais ou por ser muito alto (BARBOSA *et al.*, 2016, p. 209).

Tendo em vista o exposto, Matos *et al.* (2020) argumentam que as vítimas possuem três vezes mais probabilidades de desenvolver baixa autoestima e um ponto notório em comum, nas experiências das vítimas não brancas, é a prática do preconceito racial. Com isso, torna-se evidente a influência de fatores estéticos e também raciais nas práticas violentas citadas.

Secco (2014) realizou estudos quantitativos e, a partir disso, obteve que tais vivências influenciam 11,7% na autoestima dos alvos, um dado existente, ainda que apresente pouca margem de relação entre o *bullying* e a autopercepção. No entanto, a autora também afirma que muitas pesquisas indicam crianças e adolescentes com baixa autoestima, como as vítimas mais escolhidas pelos agressores.

Já Bandeira e Hutz (2010) foram responsáveis por realizar um estudo com 465 alunos de quartas a oitavas séries do ensino fundamental de três escolas (duas públicas e uma privada), na cidade de Porto Alegre. A partir disso, os autores utilizaram a Escala de Autoestima de Rosenberg (1989) para avaliar os adolescentes e apontaram que níveis de baixa autoestima mais críticos foram encontrados nas vítimas femininas, o que não foi visto nos meninos.

Por fim, é consenso que o *bullying* pode tornar-se tão nocivo ao ponto em que as consequências são devastadoras. Gatto (2015) realizou pesquisas nesse campo e constatou que níveis críticos de interferência na autoestima podem ser desencadeados, chegando ao ponto dos alvos considerarem-se merecedores de tal sofrimento, pois as vítimas enxergam-se como seres sem valor.

4.3 Possíveis transtornos psicológicos causados pelo *bullying*

Os impactos do *bullying* são diversos e podem acarretar consequências graves às suas vítimas. Um dos campos mais prejudicados pelas consequências do *bullying* envolve a saúde mental. De acordo com o DSM V (2014), a exposição ao estresse contínuo pode acarretar transtornos relacionados ao trauma e aos estressores:

Muitos indivíduos que foram expostos a um evento traumático ou estressante exibem um fenótipo no qual, em vez de sintomas de ansiedade ou medo, as características clínicas mais proeminentes são sintomas anedônicos e disfóricos, externalizações de raiva e agressividade ou sintomas dissociativos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 265).

Uma pesquisa realizada em 2005 com mais de 1000 estudantes com a faixa etária entre 11 e 13 anos, em cerca de 28 países, identifica alguns fatores como possíveis consequências após ser vítima de *bullying*: a) somáticas, como dores na cabeça e no estômago, e b) psicológicas, como nervosismo, solidão e sentimento de exclusão (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014). Os autores também afirmam que:

Dados similares quanto a sintomas depressivos foram encontrados no estudo de Kumpulainen *et al.* (1998), com 5 813 alunos do ensino fundamental finlandês. Alvos de *bullying* dos dois sexos tiveram escores altos para: a) anedonia, que se refere à perda de interesse ou de motivação por atividades antes prazerosas, b) autoestima baixa e c) humor deprimido (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014, p. 368).

Pereira (2012) aponta transtorno do pânico, depressão, transtorno de ansiedade generalizada (TAG), anorexia, bulimia e fobia social como os transtornos mais comuns que ocorrem após situações vivenciadas de *bullying* entre as vítimas. Reis *et al.* (2016) afirmam que o suicídio também pode estar presente nesses casos.

4.4 Riscos de suicídio

Além de repercussões físicas, o *bullying* escolar gera sequelas psíquicas, podendo estar associado ao risco de suicídio (MENEGOTTO *et al.*, 2013). Andrade e Li (2020) alegam que não é correto afirmar que o *bullying* seja o único fator que leva ao suicídio, porém há fortes indícios científicos que comprovam a relação entre o *bullying* e suicídio.

Bullying e suicídio são dois fenômenos totalmente interligados, pois, quando um acontece, provavelmente o outro acontecerá. Vários casos no mundo todo já foram confirmados em que a maioria dos jovens se suicida por conta de não suportarem mais a pressão sofrida pelo bullying (BARBOSA, 2016, p. 213).

Conforme destaca Reis *et al.* (2016), o *bullying* pode trazer consequências terríveis, pois suas marcas, em alguns casos, podem levar ao suicídio. “A maioria das vítimas desse fenômeno encontra-se em estado de pressão psicológica. É a partir dessa pressão sofrida que [...] a única maneira de poder aliviar este sofrimento seria tirando sua própria vida” (BARBOSA *et al.*, 2016, p. 203).

Barbosa (2016) também afirma que não é raro encontrar casos de suicídios envolvendo *bullying* nos meios de comunicação. De acordo com o site Último Segundo (2012), uma jovem de 15 anos se suicidou em Nova York. Segundo os amigos da jovem, alguns jogadores de futebol americano espalharam boatos sexuais a seu respeito e a jovem sofria *bullying* por conta de sua aparência, pois usava *piercings*.

Em uma outra pesquisa, que buscava a relação entre *bullying*, depressão e ideação suicida com 16.410 estudantes de 14 a 16 anos, na Finlândia, mostrou que os dados que eles conseguiram desenvolver revelam que a depressão está presente principalmente entre jovens alvo/autor; em seguida em alunos vítimas de *bullying*, e a ideação suicida em meninos está presente somente em casos de *bullying* (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014).

4.5 Dificuldades nas relações interpessoais

Oliveira (2015) expõe que, ao vivenciar o *bullying* em ambiente escolar, uma das consequências mais evidentes nas vítimas é o comprometimento na socialização. Esse processo pode ser compreendido como a aquisição e integração das singularidades de uma cultura, seja dos valores e crenças ali encontrados, sendo responsável pelo aprendizado dos indivíduos acerca de suas condutas e do convívio em sociedade. Outros autores, como Bandeira (2010), já abordaram a importância da convivência para o surgimento da identidade de cada pessoa.

Sob esse panorama, as vivências de *bullying* desenvolvem vários impactos nas relações interpessoais das vítimas, pois essas pessoas podem agir impulsivamente, desferindo agressões a colegas que não possuem envolvimento com as ofensas sofridas, tornando-se possíveis alvos provocadores e/ou futuros agressores (FREIRE; AIRES, 2012). Do mesmo modo, Santos *et al.* (2013) apontam os problemas nas relações interpessoais como um dos efeitos do *bullying*.

A sociedade em que o indivíduo está inserido contribui para a formação dos seus conceitos, caráter e princípios e é nessa fase em que ele necessita de mais atenção e de instrução sobre o que é valorizado socialmente para que não reproduza e perpetue o que há de negativo culturalmente, possibilitando assim uma quebra desses padrões que incentivam as práticas de bullying (MARQUES *et al.*, 2019, p. 310).

Ademais, Martins (2007, p. 59) afirma que as vítimas tornam-se um grupo de risco psicossocial, pois “muitas destas crianças virão a apresentar dificuldades de aprendizagem na escola, e muitas destas dificuldades estão associadas ou têm origem nos problemas relacionais e de comportamento”. Já Oliveira (2015, p. 135) argumenta que “pelas consequências pessoais e sociais que produz, gerando instabilidade na convivência interpessoal, dor e sofrimento às pessoas envolvidas nessa prática, tanto para a vítima como para o autor e espectadores e o ambiente”. Por fim, Toro, Neves e Resende (2010, p. 127) defendem que a violência escolar traz diversos prejuízos:

Partindo das premissas de que a escola é de fundamental importância no desenvolvimento do ser humano; que a violência na escola é sintoma da crise das relações sociais e que, portanto, não se restringe à esfera escolar; que a vivência de violência na escola tem características peculiares e danifica vínculos, prejudicando o desenvolvimento do sujeito nas esferas afetivas, cognitivas e sociais.

4.6 Possíveis más condutas no futuro

Nesse ínterim, Viana (2013) pontua a possibilidade das vítimas tornarem-se agressores, já que essas pessoas podem passar a praticar o *bullying* ou outros tipos de violência, como uma forma de diminuir os sentimentos negativos, costumando agredir pessoas que não tiveram nenhum envolvimento com as agressões sofridas anteriormente. Logo, esse autor afirma que o *bullying* torna-se um círculo vicioso de reprodução da violência.

Outros autores, como Silva e Borges (2018), também concordam em apontar o *bullying* como um forte fator desencadeante de sentimentos negativos nas vítimas, tais como agressividade e vingança. Dessa maneira, consequências, como distúrbios emocionais e descontrole da personalidade, podem ocorrer. Considera-se, então, que as vítimas reproduzem essa violência e mais tarde, em casos mais graves, essas pessoas podem cometer homicídio ou suicídio.

Segundo Vossekuil *et al.* (2002), citado por Albuquerque (2013), um relatório realizado pelo Serviço Secreto dos Estados Unidos investigou 37 infrações, com mortes em escolas no país, entre os anos de 1974 até 2000, em que 3/4 dos crimes foram ocasionados por vítimas de *bullying*. Rodrigues (2012) afirma que entre 66 massacres realizados em escolas, durante 45 anos, 87% dos assassinos foram vítimas de *bullying*.

Rodrigues (2012) disserta dois casos com repercussão internacional. O primeiro ocorreu na Escola Secundária Westside, em Jonesboro, nos anos de 1998 e 1999. O segundo aconteceu na Escola Secundária Columbine, no Colorado, promovido por Eric Harris (18 anos) e Dylan Klebold (17 anos), ferindo 23 alunos, matando 12 estudantes e um professor, antes de ambos cometerem suicídio.

No Brasil, essas tragédias também vêm ganhando notoriedade. Como exemplo, pode-se mencionar a chacina ocorrida no Rio de Janeiro em 2011, conhecida como o “Massacre de Realengo”, em que 12 alunos foram assassinados por um ex-aluno que teve como motivação ter sido alvo de *bullying* anos atrás. Cinco anos depois se deu mais uma ocorrência, essa em Goiânia, vitimando dois alunos e um professor. O atirador também teve a mesma motivação do assassino do Rio de Janeiro (REISEN; NETO, 2018).

No dia 7 de Abril de 2011, ocorreu um assassinato em massa na escola pública Tasso da Silveira, localizada na cidade do Rio de Janeiro. O autor da tragédia foi Wellington Menezes de Oliveira, um jovem de 23 anos e ex-aluno da escola. O ato custou à vida de 12 adolescentes com faixa etária entre 12 e 14 anos de idade. [...] o depoimento de um colega próximo a Wellington, apontou que o atirador sofria várias humilhações na escola, devido ao seu jeito de ser, que descreveu como alguém calado, introspectivo,

muito tímido. [...] Aqui um trecho da carta escrita por Wellington, encontrada em sua posse após ser morto: “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importar com meus sentimentos” (PEREIRA, 2012, p. 15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é considerado o mais frequente e visível tipo de violência infantojuvenil. Importante ressaltar que a falta de compreensão dos efeitos do *bullying* acabam por promover a sua banalização. A consequência disso é que, de acordo com as pesquisas realizadas, para alguns alunos, o *bullying* nada mais é do que uma prática normal que faz parte do processo de socialização no ambiente escolar.

A falta de esclarecimento sobre o assunto faz aumentar o número de casos. Os diversos autores consultados neste estudo estimulam muitas reflexões sobre a importância da pesquisa na construção do conhecimento, a fim de proporcionar uma visão mais ampla sobre o tema. Portanto, faz-se imprescindível o investimento em acervos acadêmicos e construção de referencial científico que contribuam para a amplitude dos saberes desse fenômeno.

A partir das informações obtidas na construção desse artigo, a equipe verificou uma série de impactos negativos que podem ocorrer nas vítimas do *bullying*, seja a curto prazo, como na origem de sentimentos negativos, tais como medo ou raiva, assim como a longo prazo, culminando no desenvolvimento de transtornos mentais, por exemplo. Nesse sentido, foi possível salientar que estes impactos surgem em diferentes esferas da vida dessas pessoas, o que sinaliza o grande potencial maléfico que ser vítima de *bullying* pode assumir.

Sob essa ótica, há um grande desafio na elaboração de metodologias que possam dar aporte a prevenção da prática do *bullying*, buscando técnicas que possam auxiliar no tratamento de pessoas vítimas de *bullying*, que adquiriram durante o processo de desenvolvimento traumas e dores emocionais devido à vivência. Sendo assim, é extremamente importante auxiliar o sujeito praticante ou vítima de *bullying* na elaboração adequada das suas questões emocionais por meio do suporte psicológico.

Quem pratica o *bullying* precisa ser ouvido e seus atos impedidos. Quem assiste à violência aplaudindo ou validando precisa ser responsabilizado e conscientizado frente aos possíveis efeitos provindos dessa prática. Por fim, quem sofre *bullying* precisa ter a sua dor

acolhida e se fortalecer em processos de ressignificação para diminuir os impactos sofridos por essa vivência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. P. W.; D’AFFONSECA, L. C. A & MAZO, S. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, p. 91-98, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, E. P.; L.; D’SOUZA, L. D. As consequências do bullying: autoagressão e suicídio no cotidiano escolar. **Revista Educação**. Campinas. SP, v. 15, n. 1, 2020.

BANDEIRA, C. M. B. & HUTZ, C. S. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BANDEIRA, C. M. B. & HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.16, n. 1,p. 35-44. 2012.

BARBOSA, A. K. L.; PARENTE, T. D. L.; BEZERRA, M. M. M.; MARANHÃO, T. L. G. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 31, p. 202-220, 2016.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, p. 90-126, 2007.

BRASIL. **Lei 13185/15** de 6 de novembro de 2015, Presidência da República. Jusbrasil. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>. Acesso em: 29/3/2022.

BRITO, C. C.; OLIVEIRA M. T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **J Pediatr (Rio J)**, Rio de Janeiro, RJ, v. 89, n. 6, p. 601-607, 2013.

CARVALHO, M. A construção das identidades no espaço escolar. **Reflexão e Ação**, v. 20(1), p. 209-227, 2012

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying**: sofrimento das vítimas e agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CHIORLIN, M. O. **A influência do bullying no processo ensino-aprendizagem**. 2007. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2007.

CRESWELL, J. W., & POTH, C. N. **Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches**. Thousand Oaks: Sage, 2018.

DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, 2001.

FANTE. Brincadeiras perversas. **Viver Mente e Cérebro**, v. 181, p. 74-79, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5.ed. São Paulo, 2010.

FORLIM, B. G. *et al.* **Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental**. Campinas: Estudos de Psicologia, 2014.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ**, v. 16, n. 1, 2012.

FRICK, L. T.; MENIN, M. S. S, TOGNETTA, L. R. P. Um estudo sobre as relações entre os conflitos interpessoais e o bullying entre escolares. **Reflexão e ação**, v. 21, n. 1, p. 93-113, 2013.

GATTO, R. C. J. **Bullying e má oclusão relacionados a autoestima e qualidade de vida em adolescentes**. 2015. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

GONÇALVES, J. R. F. Bullying: o comportamento violento no âmbito escolar, sua interferência no processo de aprendizagem e o papel da família na dissolução desse conflito. **Revista Jurídica Cesumar**, v. 16, n. 1, 2016.

GUAREZI, G. N.; SENE, R. F. **Bullying: conceitos e implicações no processo ensino aprendizagem**. Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018.

GUIDA, R. M. R.; SILVA, T. B. B.; BARBOSA, K. M. M. S. **Como o bullying é enfrentado em uma escola pública do Ensino Fundamental na cidade do Recife: um estudo de caso**. 2011. Monografia. UFPE. Recife, 2011.

HUMPEL, P. R. A.; BENTO, K. C. M.; MADABA, C. M. Bullying vs. Educação escolar inclusiva. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, [s.l], v. 36, n. 111, 2019.

MARQUES *et al.* O bullying e os danos à saúde mental. **Temas em saúde**, João Pessoa, v. 19, n. 4, p. 290-321, 2019.

MARTINS, M. J. D. Violência interpessoal e maus-tratos entre pares, em contexto escolar. **Revista da Educação**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 2, p. 51-78, 2007.

MASCARENHAS, J. C.; PAULINO, C. A. A. **Consequências do bullying no processo de aprendizagem**. 2018. Monografia – Facihus/Fucamp, Minas Gerais, 2018.

MATOS, V. J. Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. **Revista Educa Mais**, Sergipe, v. 4, n. 03, p. 577-590, 2020.

MENDONÇA, A. P. M. *et al.* Os malefícios do bullying na sociedade contemporânea: Relatos de experiência através de atividades do PIBI. **Revista da Associação Nacional de História**. Fortaleza, CE, vol. IX, nº 18, p. 70-75, 2018.

MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 2, p. 203-215. São Paulo, SP, 2013.

MINAYO, M. C. de S., *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2. ed, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. Construção de Indicadores Qualitativos para Avaliação de Mudanças. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, p. 83-91, 2009.

MOORE *et al.* Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: A systematic review and meta-analysis. **World Journal of Psychiatry**, v. 7, n. 1, p. 60-76, 2017.

NETO, A. A. L. Bullying. *Adolescência e Saúde*, v. 4(3), p. 51-56, 2007.

NETO, A. A. Bullying, comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 81, n. 5, 2005.

OLIVEIRA M, L. M.; PASINI, A. I.; LEWANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 2, n. 15, p. 203-215, 2016.

OLIVEIRA, E. C. O bullying na escola: como alunos e professores lidam com esta violência? **Revista Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí**, Piauí, PI, v. 2, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, *et al.* Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. **Psico-USF**, Bragança Paulista, SP, v. 20, n. 1, p. 121-132, 2015.

OLIVEIRA, W. A de *et al.* Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 751-761, 2018.

OLWEUS, D. **Bullying na escola: o que nós sabemos e o que nós podemos fazer**. **Oxford: Publishers de Oxford Blackwell**, 1993.

PEREIRA, K. K. Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas**. Ipatinga, MG, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2012.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Conhecendo o Bullying e o Cyberbullying**. 2020. Portal Educação. Disponível em: <<https://sitenatigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/conhecendoobullyingeo cyberbullying/60389#:~:text=O%20professor%20pesquisador%20noruegu%C3%AAs,sofridas%20por%20eles%20ona%20escola>>. Acesso em: 23/5/2021.

QUINTANILHA, C. M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. Un. do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

RAMOS, A. L. M.; BARBOZA, A. L. S. **Bullying - um obstáculo na vida e na aprendizagem**. Ecom. São Paulo, SP, 2012.

REIS, A. P. *et al.* As consequências do bullying nas escolas e o papel fundamental da comunidade escolar para intervir e solucionar esse problema. **Educere – Revista da Educação**. Umuarama, PR, v. 16, n. 1, p. 101-109, 2016.

REISEN, A.; NETO, E. T. S. Bullying e saúde pública. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, ES, v. 20, n. 1, p. 4-6, 2018

RODRIGUES, G. C. O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**. São Paulo, SP, v. 21, n. 11, 2012.

ROSA, M. J A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana, SE, v. 8, p. 143-158, 2010.

SANTOS *et al.* A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, RJ, v. 13, n. 1, p. 27-40, 2013.

SCHULTHEISZ, T. S. V.; APRILE, M. R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, São Paulo, SP, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2015.

SECCO, M. G. A. A. **Estilos parentais, autoestima e comportamentos de agressão e vitimização entre pares em contexto escolar-Bullying**. 2014. Monografia (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade de Coimbra, Portugal, 2014.

SILVA, L. O; BORGES, B. S. Bullying nas escolas. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, p. 27-40, 2018.

SOUZA, L. Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista. **Agência Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>>. Acesso em: 24/10/2022.

TORKANIA, M. **Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima frequente de bullying**. Agência Brasil, 2017. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>>. Acesso em: 13/11/2022.

TORO, G. V. R.; NEVES, A. S.; RESENDE, P. C. M. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, p. 123-137, Minas Gerais, MG, 2010.

VIANA, L. C. **A perspectiva do adolescente em relação ao bullying, ao impacto na sua afetividade, nas relações sociais e no processo de ensino aprendizagem**. 2013. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, FE da Universidade de Brasília. Bahia, 2013.